

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Itamar Ifarraguirre Neto

**COLÉGIO ESTADUAL JAPÃO:
etnografia sobre uma escola pública do Ensino Médio
voltado às classes populares na EJA**

Porto Alegre
2º Semestre
2018

Itamar Ifarraguirre Neto

**COLÉGIO ESTADUAL JAPÃO:
etnografia sobre uma escola pública do Ensino Médio
voltado às classes populares na EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue à Comissão de Graduação em Ciências Sociais como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karine dos Santos

Porto Alegre

2º Semestre

2018

AGRADECIMENTOS

Por ser um sonhador, que ama as palavras e as pessoas, agradeço desde já

... aos familiares, principalmente meu pai, irmão, dinda e vó, pessoas que, ao longo da minha existência, me transmitiram o significado da palavra amor bem maior do que qualquer filme hollywoodiano o revelaria. Graças ao entendimento deste significado, aliás, profundamente marcante quando superamos todos os obstáculos e seguimos em frente na trajetória acadêmica;

... aos amigos e amigas, que sempre estão juntos me apoiando e acreditando em mim – e em muitos, muitos outros momentos felizes. Principalmente o que eu vivo nesse intenso agora;

... à Karine dos Santos, por confiar em meus textos escritos e orientá-los, compartilhando de todos as suas sapiências , experiências e gentilezas;

... ao Colégio Estadual Japão, pela acolhida diária, a qual, em certo momento, possibilitou a realização desta monografia. Como aluno, professor e pessoa, eu aprendo muito mais do que ensino. São aulas-dialógicas, a cada instante, sobre superação, sobre coragem e sobre (re)existência. Este espaço é um ato de amor e político ao mesmo tempo.

... ao Sport Club Internacional, clube para o qual torço apaixonadamente.

Poeminha do Contra

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

(Mario Quintana)

RESUMO

O tema da pesquisa sobre o qual procurei dedicar-me está situado na área de Educação de Jovens e Adultos e Relações de Classes Populares. Mais especificamente, trata sobre a escolarização destinada às classes populares que incorporam dentro de si realidades de grande vulnerabilidade social, que se reproduzem visivelmente em suas trajetórias escolares e, regularmente, tornam-se várias formas de exclusão. Por um lado, de um mutismo que se confronta “aprender a dizer a sua palavra”; por outro lado, também de uma construção de um sentimento de frustração que interfere diretamente na sociabilidade escolar. Este trabalho tem o objetivo de analisar os efeitos da exclusão social que vivem as/os estudantes que estão cursando o Ensino Médio noturno de uma escola pública de Porto Alegre. As reflexões sobre a prática pedagógica e relações aluno-professor são compreendidas e teorizadas a partir dos estudos de Paulo Freire e outros autores. Quanto à estrutura teórico-metodológica do estudo, abarcando para a coleta de dados, baseia-se nas referenciais da etnografia segundo Minayo. Os procedimentos da produção dos dados etnográficos foram a observação participante, os questionários e a utilização do diário de campo como instrumento de informação e reflexão. De modo geral, o desenvolvimento da investigação da EJA contou com base em três alicerces principais para problematização: a) analisar de que forma as classes populares se inserem nesse contexto escolar; b) captar quais as relações estabelecidas com o conhecimento no ambiente e se/como/quando as/os alunas/os participam da construção do mesmo; c) traçar um perfil socioantropológico das/dos alunas/os da turma T7. Os resultados dos questionários indicam que o público alvo da EJA, corresponde a quem mora em bairros periféricos com trajetórias escolares nas quais são visíveis os processos de exclusão de ensino formal para jovens e adultos populares. Isso porque carrega em si duas causas: as vulnerabilidades sociais de uma escola pública diante da diversidade na turma T7 e, por outro lado; o direito a aprender ao longo da vida, independentemente da faixa etária.

Palavras-Chave: **Etnografia; Classes Populares; Educação de Jovens e Adultos; Colégio Estadual Japão.**

RESUMEN

El tema de la investigación sobre la cual intenté dedicarme está situado en la área de Educación de Jóvenes y Adultos y Relaciones de Clases Populares. Pero específicamente, se trata de escolaridad destinada a las clases populares que incorporan dentro de sí realidades de gran vulnerabilidad social, que se reproducen visiblemente en sus trayectorias escolares y, regularmente, se tornan varias formas de exclusión. Por un lado, de un mutismo que se confronta “aprender a decir su palabra”; por otro lado, también de una construcción de un sentimiento de frustración que interfiere directamente en la sociedad escolar. Este trabajo tiene el objetivo de analizar los efectos de exclusión social que viven los estudiantes que están cursando el colegio nocturno de una escuela pública en Porto Alegre. Las reflexiones sobre las prácticas pedagógicas y relaciones Alumno-Profesor son comprendidas y teorizadas a partir de los estudios de Paulo Freire y otros autores. En cuanto a la estructura teórico-metodológica del estudio, abarcado para la reunión de datos, se basa en las referencias de la etnografía según Minayo. Los procedimientos de la producción de datos etnográficos fueron la observación participante, los cuestionarios y la utilización del diario de campo como instrumento de información y reflexión. De modo general, el desenvolvimiento de la investigación de EJA contó con base en tres fundamentos principales para la problematización. a) Analizar de qué forma las clases populares se insieren en el contexto escolar; b) Captar cuales relaciones establecidas con el conocimiento en el ambiente y sí/como/cuando los alumnos del grupo T7. Los resultados de los cuestionarios indican que el público-objetivo de EJA, corresponde a quienes viven en barrios periféricos con trayectorias escolares en las cuales son visibles los procesos de exclusión de la educación formal para jóvenes y adultos populares. Eso sucede porque carga en si dos causas: las vulnerabilidades sociales de una escuela pública delante a la diversidad en el grupo T7 y, por otro lado; el derecho de aprender a lo largo de la vida, independientemente de la edad.

Palabras-Clave: **Etnografía; Clases Populares; Educación de Jóvenes y Adultos; Colegio Estatal Japón.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O logotipo é o mesmo, mas a escola se chama Colégio Estadual Japão.....	8
Figura 2: Logotipo para comemoração dos 50 anos do Colégio Estadual Japão.	10
Figura 3: Placa da inauguração do “Prédio Verde 1 – Japão”. Atual prédio para a sala de vídeo aos alunos da EJA do turno da noite.....	11
Figura 4: Pichações como forma de demarcação do território escolar entre os grupos da comunidade Jardim Itu Sabará.	14
Figura 5: Foto da sala de aula da turma T7.	21
Figura 6: Foto do mural de avisos com símbolos feitos por alunos, alunas e professores da EJA no colégio Estadual Japão.....	22
Figura 7: A professora na sala de vídeo esperando para começar a oficina “O que me inspira” com a turma T7.....	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA, GRATUITA E DE QUALIDADE.....	7
1.2. ESCOLA ESTADUAL JAPÃO: “50 ANOS DE EDUCAÇÃO”	9
1.3. MOTIVOS E MOTIVAÇÕES.....	11
2. EJA NOSSA DE CADA NOITE	14
3. QUANDO O ES(TUDO) ME AFETOU	17
3.1. A QUESTÃO METODOLÓGICA.....	18
4. CENAS DA VIDA ESCOLAR	20
4.1. CAMINHADAS.....	20
4.2. “O IMPORTANTE É SABER APRENDER FORA E DENTRO DA ESCOLA”	24
4.3. OFICINA “O QUE ME INSPIRA”	27
5. O NOTURNO NA TURMA T7: QUEM SÃO ESSES SUJEITOS?	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
APÊNDICE	35

1. INTRODUÇÃO

*Enquanto houver dominação e exclusão, vão continuar surgindo pedagogias dos oprimidos.
(Danilo Streck)*

O tema da pesquisa sobre o qual procurei dedicar-me está situado na área de Educação de Jovens e Adultos e Relações de Classes Populares. Mais especificamente, trata sobre a escolarização destinada às classes populares que incorporam dentro de si realidades de grande vulnerabilidade social. Bem como, reproduzem-se visivelmente em suas trajetórias escolares e, regularmente, tornam-se várias as formas de exclusão. Por um lado, de um mutismo que se confronta “aprender a dizer a sua palavra”; por outro lado, também de uma construção de um sentimento de frustração que interfere diretamente na sociabilidade escolar.

Este trabalho tem o objetivo de analisar os efeitos da exclusão social que vivem as/os estudantes, que estão cursando o Ensino Médio noturno de uma escola pública de Porto Alegre. Nesta introdução, proponho dois tópicos decisivos para dar abertura à discussão do trabalho acadêmico. No início, preparo uma curta apresentação do universo escolar que pretendo investigar. Depois desse instante, refaço argumentação do porquê de minha preferência na pesquisa, ou melhor, qual o esclarecimento da minha justificativa.

A estruturação dos outros capítulos é construída conforme a sequência em que os fatos foram surgindo e sucedendo durante o meu trabalho de campo. Por isso, o estudo possui foco em etnografia como metodologia, pois os eventos narrados estão dispostos em uma ordem cronológica conforme com as observações participantes de experiências que tive durante meu estudo, submergindo e aprofundando ainda mais nesse “oceano” tão denso e plural chamado Colégio Estadual Japão. Ademais, com o auxílio de questionário socioantropológico aplicado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio (Apêndice), articulo minha produção também com os dados recolhidos de forma quantitativa dos alunos da EJA, que vivem a cada dia esse espaço.

1.1. POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA, GRATUITA E DE QUALIDADE

O título desta temática funciona como lema para o Colégio Estadual Japão. Com o logotipo que remete a uma montanha, duas casas orientais e um sol, vemos bastante o símbolo

nas paredes ou portões da escola. O colégio nasce na década de sessenta, localizado na Zona Norte, para dar um pouco de solidariedade à cidade de Porto Alegre.

Figura 1: O logotipo é o mesmo, mas a escola se chama Colégio Estadual Japão.



Fonte: Retirada da internet no dia 28 de agosto de 2018.

No contexto brasileiro, a educação de adultos surgiu como finalidade de política educacional desde os anos 40. Mas é nas décadas seguintes que iniciaria de fato certa atenção em ofertar escolarização para aqueles que estão fora da escola. Depois, houve uma tendência, nas décadas 40 a 60, ao comprometimento de programas governamentais. Sobre tudo, a autora nos diz:

Além de iniciativas nos níveis estadual e local, merecem ser citadas, em razão de sua amplitude nacional: a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos de 1947, da campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958. (DI PIERRO, JOIA e RIBEIRO, 1996, p. 59).

Coincidentemente, foi influenciados pelo período de 1945 a 1964 que se formaram vários movimentos em torno da educação popular. Para Oliveira (2002), sublinham-se algumas das pautas mais importantes, como a Campanha Nacional de Educação de Adultos, que era movimento voltado à educação de adultos iletrados. Os movimentos das classes populares e das instituições de diversos posicionamentos podem todos se manifestar na luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade. O autor aponta que:

Os movimentos populares se organizavam. Esse processo de organização da sociedade civil na constituição de 1988, que se constitui na cristalização das conquistas sociais por parte das classes subalternas. [...] O art. 206 da Carta Magna, em que estão estabelecidos os princípios que norteiam a educação: I – igualdade de condições para o acesso e permanência da escola; II – Liberdade de aprender, ensinar. Pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. (OLIVEIRA, 2012, p. 106).

Portanto, ainda vemos atualmente como é difícil a democratização da educação, pois de um lado, há os defensores do ensino público e, em consequência disso, de outra parte, os apoiadores das escolas privadas de ensino. Nesse contexto, no Colégio Estadual Japão, há um grande número de professores unidos em prol do projeto que enlaça diferentes rostos, além de identidades com diferentes histórias ou trajetórias no processo reinvenção do campo pedagógico.

Assim, cresce um desejo comum que se fortaleceu: o de criar uma sociedade horizontal, autônoma e popular de ensino designado às parcelas de baixa renda da sociedade, que estão situação concreta da negação à educação. A escola fica localizada na Rua Enrico Caruso, n. 44, sendo que os encontros dos professores acontecem todas as noites de segunda a sexta, apesar de estarem presentes circulando em todos os espaços deste lugar. Já que jovens e adultos procuram se escolarizar tardiamente no bairro Jardim Itu Sabará, a EJA é muito bem acolhida lá desde seu início, potencializando saberes, valores, identidades e modos de inserir no mundo.

Hoje, no ano de 2018, tudo o que consegui vivenciar, experimentar, aproveitar, aprender, sofrer e guardar em mim realizando esta pesquisa neste espaço educacional, relato ao desenrolar dos demais tópicos do meu trabalho de pesquisa.

1.2. ESCOLA ESTADUAL JAPÃO: “50 ANOS DE EDUCAÇÃO”

A imigração japonesa em nosso país tem ainda uma curta história. Iniciada no começo do século XX (1908), não chegou a ser interrompida, apesar de ter passado por períodos de forte baixa. Ao mesmo tempo em que era estimulada pelo governo japonês, tinha de sujeitar-se a uma política descontinuada do governo brasileiro. (CARDOSO, 2011, p. 53).

Desde abril de 2016, tentei descobrir o surgimento histórico da escola em que iria fazer meu estágio. E descobri que no dia 16 de julho de 1964 foi inaugurado o GRUPO ESCOLAR JAPÃO, construído em um terreno doado por uma família japonesa, fixada num pequeno reduto de japoneses em Porto Alegre. Em homenagem a este povo solidário e

laborioso, que valoriza a educação e a cultura, este colégio recebeu o nome de Japão. Desde sua inauguração, as relações do Colégio com o consulado do Japão sempre foram cordiais e intensas, especialmente no que se refere à educação japonesa e à cultura da comunidade. Nas comemorações de 40 anos do colégio, o maior presente recebido foi a solidariedade do consulado do Japão, segundo professores e diretores anotados nas minhas observações do diário de campo – a figura do cônsul Sr. Kohei Nagashima, que havia doado a Quadra Cobertura Multiuso. A quadra coberta foi inaugurada no dia 3 de maio de 2005, recebendo o nome de Ginásio Japão. E mais, em 9 de junho de 2011, foi inaugurado o prédio verde, com a presença de diversas autoridades japonesas.

Portanto, neste momento em que se completam os 50 anos da inauguração, é necessário salientar a presença e contribuição do governo japonês e seus representantes nesta cidade em Porto Alegre, pois, com a ajuda deles, foi possível concretizar sonhos, objetivos e melhorias para o Colégio Japão.

Diante disso, o contexto da imigração está incluído nesta escola nipo-brasileira por carregar um núcleo de relações internacionais bem sucedidas com a comunidade, os professores, diretores e alunos do Colégio Estadual Japão.

Figura 2: Logotipo para comemoração dos 50 anos do Colégio Estadual Japão.



Fonte: O autor – imagem captada em 10 de setembro de 2018.

Figura 3: Placa da inauguração do “Prédio Verde 1 – Japão”. Atual prédio para a sala de vídeo aos alunos da EJA do turno da noite.



Fonte: O autor - imagem captada em 10 de setembro de 2018.

1.3. MOTIVOS E MOTIVAÇÕES

Durante os seis anos de formação no curso de Ciências Sociais - Licenciatura, atravessei um caminho de aproximação bastante voltado à área da Educação Popular. Dessa forma, consegui alcançar uma forma de olhar as classes populares e associá-las ao conteúdo de minha atenção. Dentre muitas afeições e temas, o que mais moveu minha dedicação, ao longo desse construir acadêmico, foram os estudos de classes populares. Foi estar por dentro desse assunto e conectando-a à EJA que esta monografia de conclusão conseguiu criar um formato.

Nosso sistema educacional permite reproduzir no seu funcionamento interior a discrepância de oportunidade, sobretudo o que caracteriza a forma como a sociedade se organiza. Justamente isso encaixa-se perfeitamente numa percepção de hierarquia igual à comunidade do âmbito da UFRGS, que é mediada por relações de dominação geradas pelo capital sociocultural; pode-se, consoante Lahire (2006), descobrir na investigação dos modos de socialização e das particularidades de ações de cada pessoa idêntica na perspectiva socioeconômica. Pois, igualmente, a estrutura da EJA é um reflexo de nossas relações desiguais em sociedade e, esses estudos são, por vezes, ainda na lógica de “classes oprimidas” (FREIRE, 2016), mesmo que estejam expandidos, ganhando legitimidade maior no campo da educação brasileira. Geralmente, quem busca a EJA também engloba certos “proveitos”

evidentes que essa modalidade tem para os educandos que já conciliam os estudos com a rotina de trabalho, visto que o tempo para conseguir o diploma de Ensino Médio, por exemplo, é um volume de horas menor em relação ao Ensino Regular.

A Constituição de 1988 inaugura uma nova era na civilização brasileira. Uma vez que, com ela, apareceu um ciclo democrático associado às garantias sociais de décadas passadas e contribuiu para a melhoria do padrão de vida da população das décadas seguintes (Lowy, 2016), graças aos programas governamentais de transferência de renda, inclusão social e erradicação da pobreza, à política de emprego e de elevação do salário mínimo. Enquanto isso, em 2016, ficou claro que a democracia atrapalha, ela não facilita o trabalho das políticas neoliberais em prol da lei do mercado. Daí, então, a tendência a diminuir o espaço democrático, o que aconteceu no Brasil com a destituição da presidenta Dilma, a PEC 55, escola sem partido, reformas do Ensino Médio e Previdência Social. Isso tudo foi através de um golpe pseudo-legal institucional, constitucional ou parlamentar, apesar das múltiplas narrativas que se dão a isso. Realmente, está ocorrendo um Golpe de Estado no Brasil. Isso mostra o que o autor vem observando dessa nova conjuntura na América Latina:

O golpe de 2016 no Brasil não é o primeiro. Já tivemos golpes em Honduras e no Paraguai, e possivelmente teremos outro na Venezuela. Isso mostra que a democracia já não está mais sendo útil, que ele está atrapalhando a implantação das políticas neoliberais. (LOWY, 2016, p. 61).

Ao mesmo tempo em que se debatia isso, eu realizava meu estágio obrigatório I e II em uma escola estadual de Ensino Médio na EJA. Na disciplina de Sociologia, a professora titular havia deixado um conteúdo obrigatório a ser tratado: “a precarização do trabalho”, com a turma do 1º ano, denominada T7. Cumpri prazerosamente o que havia sido proposto, mas combinei com a escola que ministraria uma aula de debate a partir de algum tema de interesse meu para as/os alunas/os, que fosse relacionado às suas trajetórias de vida – aos poucos, convivendo com eles e elas, percebi que podia trabalhar com isso.

O tema pelo qual tive entusiasmo, então: classes populares. Este foi um dos dias mais gratificantes e em que as/os estudantes mais se envolveram com atividade. Permanecia evidente o encanto em dialogar sobre aquele assunto que, querendo ou não, vinha sendo depreciado nas salas de aula, até chegar ao ponto de ser deslegitimado. Naquele momento, os diálogos com as/os professores da EJA fizeram-me pensar nesta modalidade de ensino mais a sério com teoria e prática. Assim que soube o que eu queria, pensei o quão necessária a continuidade dessa modalidade de ensino seria para realidade política que confrontamos. A

luta é agora. Enquanto tentava refletir com professoras e professores do Colégio Estadual Japão, a minha pesquisa florescia. E foi assim, a partir do cruzamento entre minha prática de estágio com a minha decisão e insistência em discutir sobre classes populares em sala de aula (tema pelo qual consegui incrementar muito interesse durante parte da graduação na Faculdade de Educação - FAGED), e com a força de unir e dar representividade ao Colégio Estadual Japão, que a concepção desta monografia desabrochou.

Neste 2018, só reforço a necessidade desses escritos. Após dois anos de Michel Temer no cargo de presidência no Brasil, recentemente, houve a greve das/dos professores municipais contra o prefeito Nelson Marchezan Júnior¹, em Porto Alegre, que teve manifestação em frente ao Paço Municipal, reivindicando reajuste de salário e contra o projeto de previdência complementa quase aprovado na Câmara. Este ato tão simbólico de resistência aos tempos obscuros em que vivemos nutriu-me de forças para resistir e produzir este trabalho.

Portanto, sigo uma linha de pensamento do pedagogo Paulo Freire, o qual faz parte de meu referencial teórico. Estando bastante acudido pelas produções de educação popular, Educação Jovens e Adultos e pelos estudos marxistas, culturais e de classes populares, outras/os autoras/es tocantes as relatadas perspectivas realmente serão inclusas em minhas posições argumentativas.

¹ Site de pesquisa sobre a greve dos municipais em Porto Alegre:
<https://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2018/8/659284/Greve-dos-municiparios-e-a-segunda-mais-longa-da-historia-de-Porto-Alegre>.

2. EJA NOSSA DE CADA NOITE

Repetidamente, ao transitar em frente ao Colégio, esbarro-me com pichações angulosas, pontiagudas e retilíneas com as siglas “E.L”, “K.G” e “banda INRIN Devastation Transbrutal Death Metal”, produção artística pública produzida praticada por estudantes ou moradores da comunidade Jardim Itu Sabará. Contudo, será que nesse lugar são acolhedores com todas/os estudantes na noite?

Figura 4: Pichações como forma de demarcação do território escolar entre os grupos da comunidade Jardim Itu Sabará.



Fonte: O autor – imagem captada em 27 de setembro de 2018.

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos propõe uma metodologia rigorosa com as necessidades e interesses, que acaba por substituir os cursos supletivos. Para certas parcelas da sociedade, impedida de realizar seus estudos no período esperado pelo sistema educativo, existe a alternativa de matrícula nos programas de Educação de Jovens e Adultos, popularmente denominados como EJA.

Esta modalidade integra a Educação Básica compromissada com o acolhimento de alunas/os que não tiveram condições na idade adequada, de possibilidade de acesso ou mesmo de dar continuidade em sua formação escolar, sobretudo no Ensino Fundamental ou Médio. Tratada como uma ferramenta necessária para a diminuição das discriminações, cujo efeito é a aproximação de uma sociedade mais democrática, na qual representa uma possibilidade real de retratação das dívidas sociais, garante assim o acesso e o desenvolvimento das habilidades

de escrita, leitura e reflexão como heranças sociais, tanto dentro quanto fora das instituições de ensino público.

Elucidada pela lei 9.394. de 20/12/1996 e Parecer CNE/CEB nº 11/2000, cumpre três funções básicas:

Função reparadora - restaura o direito a uma escola de qualidade e o reconhecimento de igualdade de todo e qualquer ser humano, em que a cidadania estará assegurada por meio de assimilação de competências necessárias para sua inserção no chamado novo mundo do trabalho.

Função equalizadora – deve ampliar e diversificar as oportunidades a todos aqueles desfavorecidos que buscam acesso às escolas e ao Ensino, em diferentes níveis e períodos. Isto para que se restabeleça a trajetória escolar; desse cidadão.

Função Permanente de Qualificação – entende-se que em suas diferentes fases de existência e diante das exigências de sua formação pessoal e de sua formação profissional, instrumentos constantes de qualificação que devem estar ao dispor de todos. (DIAS FARIAS, 2012, p. 21).

Nesse contexto, deve-se estimular uma pedagogia crítica em relação aos adultos destinada à elevação escolar, e à modificação social e não somente à acomodação do povo a métodos de modernização direcionado apenas às necessidades do mercado. Portanto, os educandos devem trilhar um caminho de resgate das suas autonomias; por simplesmente saberem problematizar uma ideia através do processo de formação mais crítica e reflexiva para dentro de sala de aula. Ao nos depararmos com os estudos de Paulo Freire (1979), essas colocações ficam claras, demonstrando o que pretendo aqui abordar. O pedagogo aponta que, a partir do século XIX, a sociedade ocidental passou a ser organizada por meio de um regime autoritário que segrega e exclui as classes populares através das instituições do ensino escolar.

Assim, Paulo Freire (1979) demonstra como o oprimido, construído historicamente, também sofreu este processo de sistematização, sendo incitado a ser colocado em imersão (seja nas igrejas por meio da colonização, ou nos processos de industrialização por meio da formação de mão-de-obra barata para trabalhar nos parques industriais), a partir de algo denominado pelo autor de tomada de consciência da situação política, social e econômica da qual faz parte o sujeito.

Uma análise rigorosa da escola enquanto uma das instituições sociais na sociedade contemporânea. Desde que alguma coisa de seu cotidiano for considerado opressivo dentro de um contexto de autoritarismo, então admite o escândalo de um povo silenciado e imerso na passividade do pensamento crítico. Considerando garantir a soberania do modo de produção capitalista, é produzida uma visível divisão entre determinados grupos sociais, direcionada sobretudo à exploração das classes populares. Por fim, autor argumenta:

A crítica feita pelo marxismo à propriedade privada dos meios de produção de vida humana dirige-se, antes de tudo, às suas consequências: a exploração da classe de produtores não-possuidores por parte de uma classe de proprietários, a limitação à liberdade e às potencialidades dos primeiros e a desumanização de que ambos são vítimas. Mas o domínio dos possuidores dos meios de produção não se restringe à esfera produtiva: a classe que detém o poder material numa dada sociedade é também a potência política e espiritual dominante. (QUINTANEIRO, 2009, p. 41).

Também serve como um dos instrumentos de controle de certas camadas da sociedade, contanto que produzam seres acrílicos, acrescenta Freire (1979, p. 90-91): “[...] excluídos da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que, em nada confia ou acredita, na televisão ou se não leu nos jornais”. No entanto, muitas vezes o ambiente escolar produz a partir do currículo escolar uma diminuição desses efeitos desiguais. Por isso, estamos cientes de que estes sujeitos articulam-se precocemente no mercado de trabalho tanto informal quanto formal.

Finalmente, com o crescimento das imposições de formação e de controle de habilidades no mundo do trabalho, se estabelecem condições principais de serem encaminhados para a modalidade de EJA no Colégio Estadual Japão. As subseqüentes páginas revelam parcialmente o meu início de familiaridade com a Sociologia, dos cenários descritos que caracterizam a experiência escolar diária durante ano e aos questionários dos perfis que lá convivem na escola.

3. QUANDO O ES(TUDO) ME AFETOU

A estreia desta etnografia veio antes do que se tinha planejado desde o começo. Primeiramente, minha reunião com o Colégio Estadual foi resolvido para começar a fazer o diário de campo, no dia 13 de abril de 2018. Numa sexta-feira de noite, fazia um pouco de calor, e eu, muito empolgado, encaminhei-me para escola e me apresentei na sala dos professores. “Os dois primeiros períodos são de sociologia para a T1. E é o primeiro ano do Ensino Médio modalidade EJA”, dizia a mensagem recebida. Ao ler, analisei imediatamente, “Buenas, se acharem que incomodo com a realização da minha etnografia, ao menos apareço no segundo semestre com a carta de consentimento para realizar minha pesquisa nesta escola”. Mas claro que me deixaram fazer minhas primeiras escrituras naquele dia sem problemas. A professora de Sociologia tem um grande apreço por mim, e pelo meu interesse em pesquisar a EJA na escola dela. No final das aulas, sempre trocamos diálogos sobre a difícil tarefa de ser docente no Brasil.

Estando lá, tomei um café com a professora no pátio do colégio, e um aluno se aproximou de nós com uma voz rouca “Boa noite, Prof. e Proff”. E respondemos ao mesmo tempo “Boa Noite”, com um bom humor nos lábios. Restavam dez minutos para entramos em sala de aula, portanto fomos para lá. Ao entrar na sala, expliquei aos alunos da EJA que faria observações no decorrer das suas aulas e que seriam utilizadas estas observações para minha monografia no segundo semestre de 2018. Em poucos minutos, todos os alunos me fitaram com aquela cara de espanto, pois é cada surpresa que surge nessa escola no turno da noite. Apenas segui para uma mesa vazia ao fundo da sala, enquanto ouvíamos a aula sobre “O que significa cidadania na sociedade contemporânea”.

Com o andamento das aulas, comecei lentamente a reparar nos diálogos dos alunos e, posteriormente, no jeito com que prestam a atenção na professora. Então, tudo isso escrevia em meu diário de campo, tipos de performances, que foram colhidos como dados qualitativos, além de conseguir socializar com jovens, adultos e idosos daquela turma, deixando assim o ambiente mais acolhedor para todos nós. Mas confesso sentir certo nervosismo ao dirigir-me para um número maior do que dez pessoas, logo encenei aqui, o nervosismo não se manifestou. Nem mesmo neste instante. Apesar de ter vários olhares vigilantes a mim, todos eram agradáveis, animados e dedicados. Nestes momentos, faço uma apresentação pessoal breve sempre – compartilhei um pouco da minha experiência acadêmica e de como desenvolvi o interesse pelos estudos de classes populares, até chegar ao ponto da explicação da pesquisa que apreciaria desenvolver na escola.

Proponho esclarecer o que descrevi no decorrer dessas páginas, quanto aos meus objetivos, e até mesmo uma grande admiração dos profissionais que estão realizando um trabalho bem feito ali e com que intensidade é efetivamente relevante dialogar sobre ele. Como disse e repito: os/as alunas/os foram imediatamente de acordo, porém, por ser uma afirmação informal, verbal e sem muitos modelos de elaborações visuais, sonoros ou reais de como este estudo aconteceria, e por que eles e elas também poderiam permanecer encabulados em contrariar a proposta na minha frente, foi permitido, em conjunto com professoras/es e a diretoria da escola, que eu montasse uma apresentação em uma plataforma virtual (PowerPoint) e agendasse uma data para a apresentação. A meu ver, esse consentimento foi a primeira informação que consegui: o cuidado ético e a preocupação que haveriam para que todas/os alunas/os ficassem satisfeitos com a minha permanência. Deve-se o maior respeito a todos, afinal, aquele espaço serve para eles e elas.

Sobre a apresentação, funcionaria como uma pequena pesquisa em que precisava estar incluído, principalmente, a minha metodologia. Por fim, comunico logo na introdução, que este estudo se daria em sucessão cronológica dos acontecimentos.

3.1. A QUESTÃO METODOLÓGICA

Para autora Minayo (1994, p. 16), “entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” com o intuito de compreender as vivências escolares partilhada na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O Colégio Estadual Japão distinguem-se tanto das vivências e distâncias das instituições formais de ensino regular com idade apropriada, logo, destaquei quatro pautas para conhecer de fato as facetas da Educação de Jovens e Adultos: a) aprender a estudar etnograficamente a modalidade EJA no Ensino Médio; b) analisar de que forma as classes populares se inserem nesse contexto escolar; c) assimilar quais as relações definidas com o conhecimento no espaço escolar e em que momento as/os alunas/os se envolvem na construção deste saber; e d) traçar um perfil socioantropológico dos alunas/os da EJA. Para resolver a todas as minhas perguntas, optei como metodologia a observação participante e o questionário socioantropológico. Tratei desses temas em minha segunda apresentação e, com imensa alegria, adquiri permissão para realizar a pesquisa.

Os estudos ocorreram entre o mês de abril de 2018 e seguiram até 20 de dezembro do mesmo ano (quando o período letivo se encerrou). No princípio, foram feitas as observações

durante três noites semanais, ao passo em que fui assistindo às aulas da professora Marlize, que leciona nas aulas de Sociologia, Arte e filosofia para a EJA e é ainda vice-diretora à tarde na escola. Além de ter sua formação em Pedagogia, pela ULBRA, trabalha como docente há mais de 15 anos no Colégio Estadual Japão.

Fiquei naqueles números de três dias da semana sem diminuir nem aumentar. Tudo que refleti, experimentei, senti, ouvi, sofri ficou sublinhado entre meus registros de campo e registros de imagens. Ao todo, atingiram-se em torno de mais duzentas horas de atividades de observações, divididas entre aulas, salas dos professores, biblioteca, pátio da escola, reuniões dos professores, festinha das turmas, eventos nos quais a escola pública colaborou. Quanto aos questionários socioantropológicos, elaborei um termo de consentimento com a finalidade de desenhar um perfil da turma do 1º ano do Ensino Médio da EJA. Foram passados exatos vinte e cinco questionários sobre a turma T7, sendo feitos com homens e mulheres com idades entre 18 a 45 anos.

Os encontros a seguir, sendo assim, estão fragmentadas em dois alicerces organizados como subcapítulos. O primeiro alicerce ficou focado às observações, e o segundo alicerce aos questionários socioantropológicos. Desde já, muitas páginas, fotos, perfis, ideais, dos quais extraio e aprimoro o que partilho neste trabalho de conclusão.

4. CENAS DA VIDA ESCOLAR

4.1. CAMINHADAS

Reflico bastante a cada caminho e opto por aquele que me faz sentir que estou ajudando, com meu trabalho, as pessoas. De acordo com Carlos Castañeda (1986), suas experiências com o bruxo Dom Juan mostram que todos os caminhos têm significados específicos para cada pessoa. Embora, às vezes, cada caminho seja um momento decisivo em nossas vidas. E nos leva a questionar as nossas próprias escolhas: “Será que é isso que devo fazer da minha vida?”.

Ainda assim, esses caminhos se traduzem em vários momentos da nossa vida profissional ou particular e, por conseguinte, só saímos destes sinuosos caminhos quando a insatisfação é infinita. Entre os ensinamentos do bruxo Dom Juan, um caminho só vale a pena quando há um significado profundo por trás desta escolha: “Esse caminho tem um coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a alguma parte; mas um tem coração e o outro não”. (CASTAÑEDA, p. 105.). Portanto, são esses sinais em direção à EJA que fazem das caminhadas um caminho bom.

Com relação a “caminhadas” devem-se explicar dois significados importantes. O primeiro significado de caminhar por uma rua de concreto; já o segundo significado de caminhar um trajeto de aprendizagens cotidianas mediado pela transferência mútua de experiência entre aluno, professor e comunidade escolar (sintonizados ao longo do nosso percurso corporal, emocional e intelectual em diversos desafios e lugares). Na verdade, a partir deste subcapítulo procuro reinventar minhas primeiras passadas com intenção de relatar nessas laudas como foram as minhas boas-vindas ao Colégio Estadual Japão. Por fim, cada espaço deste lugar faz parte da minha formação como professor-pesquisador.

Conhecer a escola mais perto de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados. (MARLI ELIZA, 2012, p. 41).

Na Rua Enrico Caruso, 44: encontram-se numerosos comércios, escolas infantis, pichações com nomes, grafites coloridos, trânsito barulhento, pessoas retornando cansadas do

trabalho, várias casas e prédios com suas arquiteturas velhas ou reformadas próximo ao Colégio Estadual Japão. Após ter algumas informações com o motorista de ônibus e, sendo guiado por uma música que vinha do fundo do transporte público, finalmente encontrei e já constatei que a rua parecia comprida, vazia e silenciosa. Isso me deu medo, porque o dia já estava virando noite. Lá, eu toquei o interfone e a professora abriu para mim, me acenando e dizendo “bem-vindo”, enquanto alguns alunos ouviam o Mc Levinho no portão verde da escola. Imediatamente, chegou outra professora para me cumprimentar com um beijo no rosto, em seguida, sentei-me na sala dos professores. Assim fiquei sentado no sofá até que um funcionário da escola me ofereceu um café preto. Acetei por educação a bebida, mas foquei em ler os poemas do Fernando Pessoa. Por enquanto, aguardo o sinal bater do primeiro período – que será às dezessete horas. Fique atento a cada professor que se desloca para assinar o ponto da sua chegada em um caderno preto. Desse modo, continuou a mesma cena por mais alguns instantes com a classe de docentes, com os seus gestos inquietantes; e eu ali quieto esperando a professora chegar. Ao passo que entrei para contemplar a respectiva sala de aula da turma T7. Havia ali um quadro com apagador, cadeiras, mesas, mural de avisos, janelas de vidros e ventiladores de tetos (que não ventilam, só faziam barulho mesmo). O ambiente da sala de aula permanecia em boas condições tanto de limpeza quanto de organização durante o ano todo (Figura 5).

Como forma de tornar este lugar mais aconchegante e colorido para a turma do 1º ano da EJA, e por consequência, existe um mural sobre o *bullying* produzido pelas mãos dos alunos e alunas, sobretudo orientados pela professora de Sociologia do Ensino Médio da mesma série em questão (Figura 6).

Figura 5: Foto da sala de aula da turma T7.



Fonte: O autor – imagem capturada em 15 de setembro de 2018.

Figura 6: Foto do mural de avisos com símbolos feitos por alunos, alunas e professores da EJA no colégio Estadual Japão.



Fonte: O autor – imagem capturada em 15 de setembro de 2018.

Com o desejo de observar algumas outras cenas, minha ida às imagens das fotos tornou-se rotina. Apareceram em meu diário amarelo de campo muitas frases escritas sobre o lugar e inscritas sobre este lugar em mim; de sorte que, de toda profunda familiaridade, algumas respostas foram aparecendo. Os encontros acontecem nas noites de segundas-feiras e sextas-feiras das 19h às 22h30min. Pois bem, funcionam também como uma aprendizagem não apenas para alunas/os, mas para os professores também.

O significado da palavra aprendizagem, aqui, possui dois modos de interpretar: o primeiro as/os docentes que estão incluídos na EJA, sua participação em uma aprendizagem que ocorre visando sensibilizá-las/os para os conceitos de classes populares, com o motivo de criar um ambiente o mais favorável e receptivo possível para as/os alunas/os e alunas da EJA.

O segundo significado diz respeito à noção de possuir um caráter humilde – muitas professoras/es têm as suas primeiras experiências ministrando aulas em coletivos, o que revela uma atitude para o aprendizado recíproco. Além disso, a organização da EJA é feita de forma horizontal, rompendo com aquela hierarquia que muitas vezes se estabelece entre professor/a e aluna/o, permitindo que todas/os que atingidos pelo projeto pedagógico façam parte da sua concepção.

Presenciando diversos períodos, que são divididos entre disciplinas de Sociologia, Filosofia e Religião com a turma T7, ministradas pela professora Marlize, percebi que, além dos temas voltados para o Ensino Médio e da dinâmica de rodas de conversas estarem

aplicadas às aulas – por serem importantes vide o objetivo por ser uma modalidade EJA -, também existe forte vinculação das questões de classes populares com o currículo, bem como uma didática de ensino aberta para as/os alunas/os laçarem os conteúdos com suas vivências pessoais, tendo sua existência e realidade conhecida, mas também reconhecida. Divulga-se rapidamente, assim, como colocado por Fróes (2016): uma forma verdadeira de confrontar o paradigma clássico de educação liberal.

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com o que educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada por sua linguagem, também de classe, se constitui um obstáculo à sua experiência de conhecimento. [...] É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de interligar o mundo. (FREIRE, 2016, p.119-120).

Costurando outros cenários prováveis, entre os estudantes com idades apropriadas, no Ensino Médio Regular, não são supridas as carências educacionais de jovens e adultos que começam com uma escolarização tardia, em um momento da vida em que eles já se encontram como pessoas muito mais maduras e envolvidas em uma realidade social que abarca experiência, saberes, compromissos com a família, trabalho e a comunidade. Dessa forma, a modalidade EJA é uma retomada da continuidade da escolarização desse público como forma de desenvolver suas competências integralmente conectadas com sua inserção ativa nas diferentes camadas sociais.

No Colégio Estadual Japão, outra experiência é viabilizada, a de uma pedagogia que exterioriza sentimento de pertencimento como consequência de uma contínua escuta e empatia com estes e estas a quem é proposta, em uma educação que realmente sirva de conscientização através do diálogo. Essa pedagogia, para Freire (1997, p. 87), é de uma atitude crítica que busca uma sociedade mais democrática.

Falar a e com os educandos é uma forma despretensiosa mas altamente positiva que tem a professora democrática de dar, em sua escola, sua contribuição para a formação de cidadãos e cidadãos responsáveis e críticos. Algo de que tanto precisamos indispensável ao desenvolvimento de nossa democracia.

Por ser ainda bastante recente, o projeto pedagógico depara-se com algumas dificuldades, a maior delas é a evasão. A frequência de alunas/os da EJA regula-se entre quinze a vinte e cinco presentes, em turmas que começam com número dobrado. A evasão da EJA, contudo, precisa ser muito bem pensada e a solução executada de modo mais vasto, especialmente visto que se disserta um momento alarmante e é um importante assunto a se

propor para um estudo. Brandão (1983, p. 38) se manifesta e explica a evasão escolar da/o aluna/o com o pressuposto de que “[...] a evasão e repetência longe está de ser fruto de característica individuais do aluno e sua família. Ao contrário, refletem a forma como a escola recebe e exerce ação sobre os membros de diferentes segmentos da sociedade”. Então, conclui-se que a boa estratégia de continuidade das/os alunas/os no Colégio Estadual Japão se dá no aspecto: a que ponto esta escola consegue amenizar as adversidades desses alunos.

A estrutura organizacional, apesar de funcionar sistematicamente por reuniões composta pelas/os professoras/es, a vice-diretora e a diretora, em que cada funcionário se dispõe a resolver as tarefas conforme vão surgindo, abriga a comissão de alunas/os da EJA, que é composta e feita pelas próprias alunas, procurando promover pautas e orientar possíveis demandas para as turmas, com o simples objetivo de manter-se com um local de acolhimento, respeito e formação a jovens, adultos e idosos. O conjunto das cenas percebidas durante minhas “caminhadas” demonstrou que o Colégio Estadual Japão está sendo muito mais que um espaço de preparação de exames de certificação do Ensino Médio ou pré-vestibular. É juntamente um lugar de sociabilidade condicionado a produzir relações de carinho entre alunos-professores – uma vez que esse encontro entre ensinar e aprender com um e outro possibilita a inclusão e a conscientização das próprias identidades das classes populares. Além disso, a organização em geral não tem receio de mudanças, rearranjos e novas formulações para moldar-se conforme necessidades que venham surgindo, ao contrário, procuram sempre o redescobrimto e transformação que enxergue nestes e nestas para quem a modalidade EJA é dirigida.

4.2. “O IMPORTANTE É SABER APRENDER FORA E DENTRO DA ESCOLA”

Durante uma das reuniões do mês de setembro, ouvi a frase acima. Na lembrança guardo estas boas palavras ditas por um professor da EJA, já que a cidade nos procura a refleti-la enquanto um lugar permeado de valores sociais, políticos e culturais. Segundo autor Louro (2010) argumenta que aprendizagens educativas não acontecem apenas na instituição escolar dentro da sala de aula. Embora continuem também em outros espaços não-escolares, sendo que o próprio educador expande seu círculo de ação a partir das manifestações das culturas populares correspondentes as pedagogias culturais. Muitos espaços os quais preenchemos estabelecem conhecimento específico, um ensinamento que sistematiza novas experiências dos quais formam como cidadãos. Ir até o Jardim Itu Sabará, por exemplo,

constitui uma oportunidade de defrontarmos-nos com um músico tocando violão e cantando no meio da rua, pessoas desenhando grafite nos muros das ruas, uma roda de samba acontecendo num bar e um atelier expondo os seus quadros na calçada, além da oportunidade de um filme no shopping Strip Center ou a ida a uma quadra esportiva numa praça. Esta flutuação promove, uma apropriação cultural em nossas múltiplas posições da vida social, aproximando pontos de vistas, costumes, valores, práticas comportamentos e questionamentos que transformam o cotidiano do bairro nos quais todos estão inseridos.

O capital cultural pode existir de três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios, ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ele confere ao capital cultural – de que são, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2010, p. 2).

Segundo Geertz (1989) a cultura é tão plural e tão complexa que pode simbolizar uma teia de significados incorporados por indivíduos que resulta no convívio de várias culturas ao mesmo tempo. Contudo, acredita-se que classes mais pobres e menos favorecidas da sociedade não dispõem de tempo suficiente para conseguir este direito ao capital cultural, devido ao empecilho de passear durante o dia pelas ruas, por causa de sua rotina intensa de trabalho que “a política patronal sobre a esfera do trabalho no processo de consolidação da era capitalista se espalha sobre as diversas esferas vida cotidiana da classe trabalhadora” (ECKER e ROCHA, p. 20). Quando os movimentos estudantis pertencentes às classes populares demonstra que “aprender a aprender” não é só dentro da escola. Por consequência, ele exige uma reivindicação para além do direito ao Ensino Médio e pretende a diminuição à desigualdade social para a garantia de acesso ao meio urbano em sua completude.

Continuando esta percepção, muitos cenários foram visitados que tive o compromisso de observar no Colégio Estadual Japão. Numa sexta feira de inverno no mês de setembro, todas/os foram ao Teatro São Pedro para assistir à peça de comédia dramática “Master Class”. Ligado a isso, na próxima sexta-feira à noite, começa uma saída de campo para a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) para assistir a um filme em cartaz: “A vida é uma festa”. Por último, aconteceram atividades culturais dentro da escola, divididas em dois seminários. O primeiro está sendo organizado pela área de humanas sobre o debate do Suicídio entre as turmas do Ensino Médio da EJA. O segundo foi o seminário de diversidades culturais sobre imigração, planejado pelo professor de História, e que ocorreu nas salas de aulas do próprio Colégio Japão entre os dias 27 e 28 de setembro de 2018. Neste último, várias aproximações

que surgiram são profundamente importantes de se destacar no grande catálogo deste capítulo “Cenas da vida escolar”.

Nas sextas-feiras, com três períodos intensos de atividade, ocorreram diversas discussões na área de classes populares. Durante um momento de vários diálogos dentro e fora da escola, um professor abordou o processo de cuidado e preparação com os alunos daquela escola como se um projeto de mais inclusão fosse à garantia daqueles nesta escola. A primeira preocupação da diretoria dizia respeito às origens de cada aluno e o não intimidação de alunas/os no Colégio Estadual Japão. Para isso, uma pergunta foi elaborada: “quais as necessidades devemos aprofundar para resolver à necessidade da modalidade EJA de noite?”. A solução mostrou para compromisso de uma boa convivência, necessidades estruturais e bom funcionamento da escola.

Os compromissos de boa convivência giraram em torno de um diálogo com os professores e funcionários da escola a fim de se garantir a confiança dos alunas/os, bem como a atualização do aplicativo do *whatsapp* para formar grupos de conversas para reconhecimento das identidades das turmas da EJA, afinal de contas, “é com o uso do nome que iremos nos relacionar no cotidiano e existir socialmente” (ROBALO, 2014, p. 78). As necessidades estruturais e bom funcionamento da escola, por sua vez, foram voltados para questão de se manter o banheiro limpo. Nos corredores onde as/os estudantes rodeiam, a diretora pedia para a classe estudantil da EJA “não jogar toco do cigarro no pátio”, e a sua voz espalhou-se em todos os cantos da escola, especialmente nos intervalos da noite. Ao ouvir isso, um aluno da EJA que estava na frente da escola fumando o seu cigarro calmamente durante aquele momento, disse-me “Nossa, eu agora não posso fumar dentro da escola à noite. Tinha dias que me dá vontade de fumar durante as aulas, mas mastigo um bala de menta e vontade passa.” [riso]. “A vida adulta para gente sempre é um desafio”. Essa fala deixou marcas profundas dentro de mim, o quão mexeu comigo esta simples atitude (como o ato de proibir alguém de fumar dentro da escola) podem gerar diálogos potentes, que facilitam e aproximam tantas vivências. Essa medida da direção, além disso, demonstrou como é importante uma gestão estar atenta e planejada com todos para um ambiente escolar mais limpo e alunas/os mais conscientes.

Além das decisões da direção da escola, outras atividades muito interessantes também aconteceram durante as aulas da noite, que incluíram as festinhas das turmas da EJA no Colégio Estadual Japão. As/os alunas/os em conjuntos elaboram um painel da socialização quando alguém está de aniversário: com fotos da mesa cheia de refrigerantes, doces e

salgados, para expor na parede da escola. Realmente, torna-se um momento de inclusão entre os professores e alunos da EJA à noite.

4.3. OFICINA “O QUE ME INSPIRA”

Na sexta-feira, quando a primavera chegou numa noite de clima agradável sem aquele frio rigoroso em setembro, chego pontualmente às 19h na escola e fico no pátio esperando a professora que iria dar aula para o 3º ano da EJA. No entanto, acontece um imprevisto e ela precisa dar aula para o 1º ano, porque as/os alunas/os estão sem professor naquele instante. Então, partimos para a T7, onde ela dará o período de Artes, enquanto eu me arranho e me misturo naquele ambiente escolar. Inclino-me a observar os nuances dos alunos com a dinâmica da aula. A professora responsável desenvolve planejamento da aula expositivo-dialógica do pedagogo Paulo Freire (1979). Ela vai em direção ao quadro segurando uma caneta vermelha para escrever na lousa branca uma frase do poeta Mario Quintana: “Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não as querer. Que tristes os caminhos se não fora a presença distante das estrelas!”. Após isso, apaga o que tinha escrito e reescreve outra frase com tom afirmativo: “O que a vida quer de nós é coragem e gente inspiradora” .

Segundo Vernon (1973, p. 53) “A motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes”. Por isso, este procedimento nos propõe a entender a motivação como assunto amplo e ao mesmo tempo de difícil compreensão. Levando-se em conta a diversidade de condutas e sentimentos do ser humano. Neste caso, a professora sugere para seus e suas alunas/os elaborarem um texto sobre “o que motivam a estarem aqui estudando na EJA”. Outra vez, afinal, ela desliza com a caneta a seguinte frase afirmando “o que faz vocês persistirem os seus objetivos na vida?”, a partir da sua maneira como vê o mundo.

Na próxima semana, a aula prosseguiu ainda com a turma T7. Fomos todos para a sala de vídeo, na qual movemos as cadeiras em formato de U para que todos vissem seus rostos, e assim ninguém ficasse excluído de ouvir o texto de cada um. Afinal, só deveria ler quem estivesse à vontade, pois o texto seria entregue ao final da aula e valeria como nota final na Disciplina de Artes. Pautado no processo dessa oficina, e a partir desses depoimentos que se costumam em histórias maravilhosas de esforços, de pessoas batalhadoras, que trabalham

precocemente, que estão ali na EJA e que em pouco tempo se abriram ao contarem suas vidas, seus medos, seus sonhos, suas referências na vida, suas glórias e derrotas, conclui-se que estas são pessoas que, mesmo com dificuldades, se esforçam para se manterem estudando naquela escola, porque enxergam nela uma motivação positiva que marca suas trajetórias escolares.

Finalmente, nesta turma do 1º ano, na qual os estudantes fazem parte dia a dia da rotina do Colégio Estadual Japão, todos creem que a rede escolar procura dar condições de oportunidade de melhorar de vida, especialmente pelo apoio incondicional de seus familiares, amigos, professores. Através de toda esta solidariedade, também se tornam alunas/os mais confiantes em seus projetos de vida – enquanto cidadão trabalhadores. Por meio dos relatos dos alunos da T7, a partir das observações do diário de campo e fotos desta disciplina de Artes, concluí que o estudante procura a EJA como um ponto crucial para ascensão social, e inserido neste contexto, ele sente-se feliz e realizado. Pois ao se formar no Ensino Médio, criam-se motivações para ingressar em um curso-técnico, prestar um vestibular ou mudar para um emprego melhor ou até ser promovido em seus próprio emprego.

Figura 7: A professora na sala de vídeo esperando para começar a oficina “O que me inspira” com a turma T7.



Fonte: O autor – imagem capturada 15 de outubro de 2018.

5. O NOTURNO NA TURMA T7: QUEM SÃO ESSES SUJEITOS?

A investigação com os questionários socioantropológicos vem com o intuito de se traçar um perfil de estudantes da EJA, sobretudo por ser uma identificação mais condizente com a realidade de sujeitos que compõe este espaço escolar. Apresenta-se, inclusive, uma pluralidade desse público no horário noturno da rede estadual do Rio Grande do Sul. Diante disso, é necessário reconhecer que esta modalidade de ensino precisa conquistar o seu espaço decididamente e elaborar de forma efetiva o seu público, do ponto de vista da busca do direito negado às classes da EJA, oferecendo assim uma formação de cidadão com pensamento crítico.

Sendo as classes populares o *locus* da minha pesquisa, logo o questionário desenvolveu-se por meio sistemático para chegar mais próximo do perfil da turma T7. Desta feita, apliquei 25 questionários padronizados para alguns dados, e assim, pude colher informações que complementaram minhas observações do diário de campo, o que resultou em reflexões e apontamentos para constituir o perfil da EJA que versa sobre as questões socioantropológicas dos alunos e suas relações dentro da escola.

Analisando o perfil dos alunos no Colégio Estadual Japão, consegue perceber-se que nos 25 questionários que apliquei sobre os estudantes, 70% dos alunos têm entre 24 a 39 anos, mas todos estão praticamente casados, com filhos e trabalhadores. Já os outros 30% tinham idade entre 18 a 20 anos de idade, quase todos solteiros, desempregados, sem filhos e ainda morando com os pais. Enquanto isso, sobre as condições dos fatores socioculturais dos estudantes da EJA, por um lado, pude observar que estes estudantes fazem parte dos bairros populares de Porto Alegre, são oriundos do Passos da Pedras, Jardim Itu Sabará, Mario Quintana, Bom Jesus e Jardim Carvalho.

Acompanhando a mesma turma, por outro lado, segue-se uma hegemonia da presença estudantes negros, com 65% dos alunos, tanto do sexo masculino quanto feminino. Entre os estudantes negros, 50% são heterossexuais; enquanto outros 15 % assumem-se como estudantes homossexuais negros. Já entre os estudantes brancos, 35 % são heterossexuais, tanto homens quanto mulheres. Todavia, o que se destaca é a variante religiosa de estudantes que transparecem em seus diálogos com os professores em sala de aula. De fato, a maioria deles e delas são católicos em suas respectivas comunidades. Mas havia uma minoria que se dividia entre as religiões espírita, evangélica e candomblé.

Portanto, entende-se, a partir dos resultados, que o público alvo da EJA atualmente constitui-se de jovens, adultos e idosos residentes em bairros populares. Logo, comecem

cedo a vida profissional, mas conciliando com o Ensino Médio, porém, por saberem como é importante estar em sala de aula mesmo na condição e necessidade de ter um trabalho. Nesta ocasião, persistem em uma rotina de estudar, trabalhar para alcançar uma melhor formação, que lhes dê oportunidades e condições de terem uma educação para a cidadania. Além desta reflexão a respeito do perfil da EJA, também poderá potencializar a didática de ensino voltada para diversidade das classes populares e a democratização do ensino. Com isso, percebe-se a marca de heterogeneidade de sujeitos, pois tem a necessidade de respeitar o direito em relação ao gênero, à classe social, à religião e às condições de cada estudante, conforme Freire (2000, p. 55) conclui:

O fundamental [...] é testemunhar como pai, como professor, como empregador, como jornalista, como soldado, cientista, pesquisador, ou artista, como mulher, mãe, ou filha, pouco importa, o meu respeito é dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação ao seu direito de ter.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando a questão central desta etnografia, de investigar os efeitos da exclusão social que vivem as/os estudantes, que estão cursando o Ensino Médio noturno de uma escola pública de Porto Alegre. Muitos resultados foram apresentados a partir de observações feitas, fotos e questionários socioantropológico. As singularidades que constituem o coletivo da EJA como um espaço tão significativo, plural e transformador traduzem-se múltiplas confrontações possíveis e incontáveis ocasiões.

Ainda dentro das microrrelações, o Colégio Estadual Japão desempenha um trabalho de grande proximidade entre todas/os membras/os da escola e comunidade ao mesmo tempo. Esse posicionamento vem desde a organização do 1º ano do Ensino Médio, feita de forma democrática em que se que rompe os muros entre professoras/es e alunas/os e ambos participam da construção do espaço escolar, até a presença e os desafios que lidam com questões de classes populares de maneira intensa e traz as/os alunas/os para a criação também do conhecimento. A respeito da macrorrelações, vale ressaltar a preocupação de articulação da diretoria para que respeitem a identidade cultural das classes populares (a exemplo da elaboração e utilização do aplicativo de rede social cuja ferramenta para formar grupos de conversas, especialmente são eficientes para reconhecimento das identidades de cada aluno da turma T7 na EJA), bem como a realização de um diálogo com funcionários da escola e professores sobre a temática de classes populares. Quaisquer ações visíveis - entre o micro e o macro - mostram o acolhimento, a inclusão, a socialização e a equidade que estão vigentes na EJA modalidades do Ensino Médio, um espaço comprometido com realização de todos os direitos e deveres dos cidadãos.

Quando finalmente são visíveis os processos de exclusão de ensino formal, vários são os ensinamentos que podem ser conduzidos ao cotidiano escolar noturno. Como ambiente de classes populares, o sistema educacional da EJA pode ser visto de forma intensa no cenário das desigualdades sociais e econômicas no Colégio Estadual Japão. Isto porque carrega em si duas causas: as vulnerabilidades sociais de uma escola pública diante da diversidade na turma T7 e, por outro lado; o direito a aprender ao longa da vida independente da faixa etária. Com isso, o colégio tem como instituição a responsabilidade de não excluir aqueles que a realidade social e econômica introduziu em vulneráveis. Torna-se seriamente importante contestar esta sistematização, de modo que as experiências das classes populares possam servir como modelo na EJA. As escolas públicas junto com os docentes precisam questionar-se em suas atividades didáticas e transformá-las teoricamente em formações continuadas; tendo em

consideração as diversidades das camadas populares no projeto político pedagógico (PPP).
Permitindo ir além de uma educação tradicional para efetivas políticas de inclusão social.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da pratica escolar**. – 18º ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Série Prática Pedagógica).
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; Catani, A. (Org.) **Escritos de Educação**. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRANDÃO, Zaia *et al.* O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil. In **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.64, n. 147, mai/ago 1983, p. 38-69.
- CARDOSO, Ruth. O papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japoneses. In: CALDEIRA, Teresa Pires do Rio (org.) **Obra Reunida**. 1ª ed. São Paulo: Mameluco, 2011.
- CASTAÑEDA, CARLOS. **A erva do diabo: os ensinamentos de Dom Juan**. 16ª Edição. Luzia Machado da Costa (trad.). Rio de Janeiro: Editora Record, 1968.
- DI PIERRO, Maria C; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 55, nov. 2001.
- DIAS FARIAS, Patricio Leandro. **Comparações entre EJA e Ensino Regular**. Monografia. Especialização em Educação de Jovens Privados de Liberdade. UFRGS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72700/000884746.pdf?qquence=1>. Acesso em 2 out. 2018.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. **Etnografias do trabalho, narrativas do tempo**. Porto Alegre: Marcavizual, 2015.
- _____. **Um projeto antropológico: o estudo da memória do trabalho da cidade moderno contemporâneo**. Editora Marcavizual, 2015. 1ª ed., p. 16-51.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. **Educação como prática de liberdade**. 9º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. 53ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- _____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 8ª ed. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FRÓES, P. **Transnem de Porto Alegre como alternativa para a formação de mulheres travestis e pessoas transexuais.** Artigo. Especialização em Educação de Jovens e Adultos do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande: 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos S.A, 1989.

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LOURO, G.L. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, 174 p.

LOWY; Michael. **Por que gritamos golpe?:** para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016. 61 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. cap. 1, p. 9-28.

OLIVEIRA, Ranieri de. **Educação e cultura na história do Brasil.** Série Construção Histórica da Educação. Curitiba: InterSaberes, 2012 .

QUINTANEIRO, Tania. **Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** 2ª ed. revista e atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ROBALO, Diego. **Vozes Trans: um estudo etnográfico sobre a construção da identidade de gênero das pessoas trans.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós Graduação, PUCRS. Porto Alegre, 2013.

VERNON, M. D. **Motivação Humana:** a força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações. Petrópolis: Vozes, 1973.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

Área: Educação Social

Porto Alegre, 21 de agosto de 2018.

Senhor(a) Diretor(a), Colégio Estadual Japão.

Apresentamos a Vossa Senhoria o estudante universitário Itamar Ifarraguirre Neto, RG nº 5095778758, regularmente matriculada/o no Curso de Ciências Sociais desta Universidade e, ao mesmo tempo, solicitamos sua permissão para que o mesmo realize atividades de Observação e Entrevista junto a esse Estabelecimento de Ensino.

Esclarecemos que tal atividade é parte integrante do seu Trabalho de Conclusão de Curso e que tal atividade é de caráter obrigatório, devendo ser realizado em conformidade com os acordos junto às instâncias de gestão deste estabelecimento.

Agradecendo antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e a disposição em proporcionar que o estudante possua informações e subsídios para a conclusão de seus estudos, despedimo-nos.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, reading 'Karine dos Santos'.

Professora orientadora Karine dos Santos,

Telefone para contato: 3308 4149

Questionário Socioantropológico da turma T7



1. Morador do
2. Bairro: _____

2. Sua idade é: _____.
3. Moram com os pais?
sim ()
Não ()
4. Seu Estado Civil é ?
Solteiro ()
Casado ()
Viúvo ()
5. Seu gênero de nascimento ?
() Masculino
() Feminino
6. Qual a sua orientação sexual?
() Heterossexual
() Homossexual
() Bissexual
7. Você trabalha ?
Sim ()
Não ()
- 10) Em relação a cor da sua pele, você se considera ?
() Branco
() Preto
() Pardo
() Amarelo - oriental
() Prefiro não declarar

12 – Qual a sua Religião ?

Católica

Espirita

Candomblé

Evangélica

Se for outra comente aqui:

13 – Você tem filho ? Quantos?
